

Participação de surdos em programas de iniciação científica: a parceria UFRJ-INES

Vivian Runjanek*

INTRODUÇÃO

Por que oferecer um curso experimental de ciências para surdos? Eu reateria a questão perguntando por que oferecer um curso experimental de ciências?

O conhecimento científico permeia hoje em dia o nosso cotidiano, no entanto o que é Ciência é um dos conceitos mais mal compreendidos da nossa sociedade.

O que é Ciência?

Ao contrário do que muitos pensam, a Ciência é um processo e não um produto. Ciência é o *fazer Ciência*. O conhecimento científico e a tecnologia são os produtos da Ciência. O *fazer Ciência* é buscar compreender o mundo que nos rodeia.

Portanto, o fazer da Ciência exige curiosidade e exige saber formular perguntas. A Ciência envolve um processo de inquirição pessoal utilizável por todos e não só pelos cientistas. As perguntas se baseiam em premissas já existentes e levam a uma hipótese do que acreditamos venha a ser a resposta. Mas, para ser Ciência, é necessária a experimentação, a observação e a comprovação de sua idéia. No entanto, a principal característica do fazer científico é que tem que ser reproduzível por seus pares, os outros cientistas. Por outro lado, mesmo um experimento reproduzível pode ter seu resultado interpretado de outras maneiras, e uma das características da Ciência é que ela sempre é uma verdade temporária, mutável e é através dessas mudanças que o conhecimento avança.

Por isso a Ciência só pode ser compreendida vivendo-se essa experiência. É com essa idéia que decidimos desenvolver, no Instituto de Bioquímica Médica na UFRJ, uma abordagem experimental para o ensino de ciências voltado para alunos surdos do INES. Este projeto busca oferecer ao jovem surdo a possibilidade de integrar-se aos avanços da ciência e tecnologia de forma crítica, aprendendo conceitos científicos com quem faz ciência, desenvolvendo o método e o pensamento científico ao invés de simplesmente receber informação. Além disso, o aluno surdo conhece a Universidade e entra em contacto com a pesquisa científica. Um outro aspecto, tão importante quanto o contacto do jovem surdo com a Universidade, é o fato de os pós-graduados e alunos de iniciação científica do nosso Instituto passarem a conhecer a realidade do jovem surdo. O conhecimento e respeito mútuo é o primeiro passo para a verdadeira inclusão.

*PHD em Imunologia – University of London
 Professora Titular do Instituto de Bioquímica Médica (UFRJ)
 Membro da Academia Brasileira de Ciências

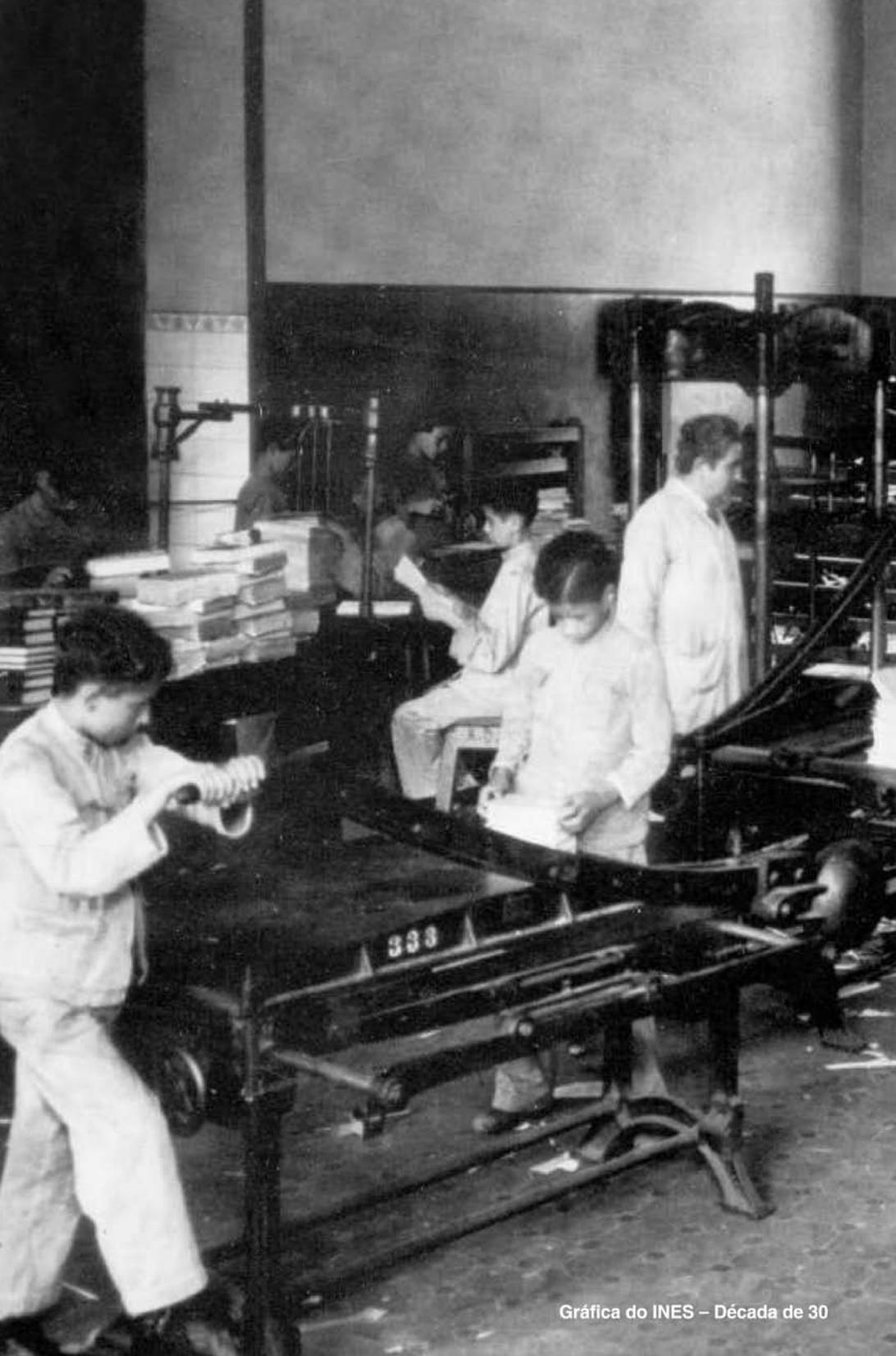
Como se organiza um curso vivencial de Ciências? Primeiro estabelecendo-se um tema. Nos dois cursos já realizados para o INES, o tema geral foi *O sistema imune na saúde e na doença*, tendo sido focalizado o fato de que na AIDS o sistema imune deixa de funcionar. A partir daí os alunos, divididos em grupos, passaram a formular várias perguntas; eles também escolheram qual pergunta pretendiam responder primeiro, discutindo entre si como gostariam de abordar a questão. O ponto principal dessa fase é não existirem abordagens erradas ou certas. Por exemplo, um indivíduo, para descobrir o que está por trás de uma montanha, pode subir a montanha e descer do outro lado, contornar a base da montanha, fazer um túnel através da montanha ou circular o planeta para chegar ao outro lado. O nível de dificuldade pode variar, mas o mais interessante é que no caminho pode aparecer uma pergunta mais importante do que a original.

Os membros da Universidade funcionam como agentes facilitadores, isto é, podem mostrar a técnica a ser utilizada, mas isso só depois de o aluno dizer o que **quer fazer e por que**, isto é, os membros da Universidade só mostram o como fazer. É importantíssimo que os alunos executem técnicas complexas, iguais às que seriam utilizadas no dia-a-dia de um projeto científico, com os equipamentos que são normalmente utilizados. Isso porque é preciso ao mesmo tempo mostrar a complexidade dos métodos e desmistificá-los, mostrando que é possível compreendê-los e aprender como executá-los.

A Ciência atual é resultado de processos cooperativos, os laboratórios possuem grupos de pessoas que trabalham juntos, e a informação é compartilhada entre vários grupos através de publicações científicas e congressos. De forma semelhante, no final de cada dia no curso experimental para os alunos do INES, os diversos grupos de alunos se reúnem e compartilham as suas experiências. Alguns resultados obtidos por um grupo explicam os resultados de outro grupo; algumas vezes os resultados são contraditórios e é preciso pensar numa explicação. Acima de tudo o curso ensina a pensar criticamente. Com isso, o estudante aprende não só Ciência, mas um espírito de cooperação que será importante em outros momentos da vida.

Além de oferecer o curso em tempo integral por uma semana, o Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ oferece ao final do curso 2 vagas de estágio remunerado em um laboratório de pesquisa para os alunos que se distinguiram no curso. No momento estamos com três estagiários e esperamos a cada curso aumentar o número de alunos do INES estagiando no nosso Instituto.

Acreditamos que esta abordagem, se bem sucedida, permitirá uma melhor inclusão do jovem surdo na sociedade tecnológica atual.



Realização

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos

Secretaria
de Educação
Especial

Ministério
da Educação

